



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 19 • Dezembro 2011

ISSN 1646-6918

Órgão Oficial da Sociedade Portuguesa de Cirurgia

Breve resenha histórica sobre o início da Cirurgia Laparoscópica em Portugal

J. M. Trindade Soares

Efectuámos a primeira colecistectomia laparoscópica em Portugal no dia 4 de Janeiro de 1991.

No Hospital Militar Principal, em Lisboa, sendo Director o Professor Doutor JM Carrilho Ribeiro.

A operação foi efectuada por uma equipa de médicos interessados no desenvolvimento desta técnica que integrou o Professor Doutor Carlos Alves Pereira como mentor científico, os cirurgiões JM Trindade Soares, Rodrigo Costa e Silva e J Correia Neves e o gastroenterologista Alberto Costa e Curto.

A técnica foi executada com correcção e a operação teve sucesso e foi amplamente publicitada. Laudo aos pioneiros e final da história.

Para além desta história factual há, como em todas as histórias, um antes e um depois. É destas partidas e chegadas que, resumidamente, devo falar.

ANTES:

Antes não havia nada, ou melhor, nada de laparoscopia em termos de cirurgia digestiva, dado que a técnica já era empregue entre nós, designadamente por alguns ginecologistas eméritos (lembro o Dr. Meleiro de Sousa) e gastroenterologistas (lembro o Dr. C. Beirão) apenas com propósitos diagnósticos (a imagiologia ainda não tinha conhecido a facilitação que hoje tem e uma ecografia era um acontecimento).

O interesse despontado nos (então) jovens cirurgiões e gastroenterologista deve-se sobretudo ao conheci-

mento que o Dr. Alberto Costa e Curto teve da execução de técnicas de laparoscopia diagnóstica avançada em Barcelona no H. da Santa Creu e S. Pablo no serviço dirigido pelo Prof. Dr. Don Villardell Viñas com execução pelo Prof. Dr. Don Marti Vicente onde nos propusémos (Trindade Soares e Costa e Curto) ir aprender durante 3 meses, já com o fito (inconfessado) de aplicar esta técnica à cirurgia. Aí encontramos mais 3 investigadores (1 americano e 2 europeus) que foram, nos seus países igualmente pioneiros da aplicação da laparoscopia à cirurgia ; dadas as vicissitudes que se viviam no nosso País no que tocasse ao que quer que fosse inovador e instigado por jovens, realizaram-na mais cedo que nós e foram pioneiros mundiais. mais cedo que nós. Era o Portugal de antes da troika (felizmente).

Regressados ao País, juntámos à equipa o Dr Rodrigo Costa e Silva e, posteriormente, o Dr Correia Neves e muito tentámos, conjuntamente, transmitir dos nossos ideais e da aplicabilidade desta técnica aos que mandavam na Medicina. Ninguém nos ouviu. Excepto o Prof. Alves Pereira – que tem o grande mérito de se deixar entusiasmar e saber capitalizar e apoiar as apostas dos jovens com valor e o Prof. Carrilho Ribeiro que se disponibilizou a gastar do seu dinheiro para se poder comprar o material necessário para efectuar a operação no hospital que dirigia (o qual gozava, então, de prestígio científico) e também o Prof. Borges d'Almeida que nos proporcionou o nosso 1º doente privado de diagnóstico laparoscópico cuja história reverteu num componente acentuado



de gasogénio e ficará para sempre secreta na memória dos intervenientes.

E fez-se a operação às 9 da manhã do dia 4 de Janeiro, com grande interesse expontâneo da comunicação social e a repercussão e consequências na Medicina Portuguesa que a história da cirurgia em Portugal registou daí em diante.

E DEPOIS?

O depois foi outra história.

Feita, como todas as histórias, de coisas mais mesquinhas que se não escrevem aqui(houve quem, em foro científico, bradasse que - e cito -”andam aí uns jovens que vão laquear muitos colédocos com estas novas tonterias de técnica não ortodoxa cirurgica”) mas também de muitas de grande elevação que merecem registo e por isso se contam agora.

Destas destaco, por bem me lembrar, a humildade científica de alguns grandes Cirurgiões já conceituados na época, que se dispuseram a vir aprender com os seus discípulos a nova técnica por que acreditaram que esta era melhor e mais segura para os doentes – para quem não viveu este tempo devo explicar que um Cirurgião dos Hospitais era uma Figura Tutelar respeitada por todos os médicos e que o tempo que então se vivia era de correcção e respeito pela hierarquia da competência, sabendo cada um qual o seu lugar e onde a disciplina era garante da avaliação técnica das carreiras, dos lugares e dos desempenhos, à dissemelhança da anarquia que hoje se vive.

Igualmente merecedora de destaque, foi a acção do grupo pioneiro já citado que, ao invés de tentar guardar para si a técnica e as suas possibilidades, soube

desde logo que só a aplicação universal lhe garantia o sucesso e, desta forma, se dispôs e ensinar a boa prática da laparoscopia a todos os cirurgiões, gastroenterologistas, toracicos, vasculares, pneumologistas, ortopedistas, ginecologistas, urologistas portugueses,.

Foi então formada, para este propósito, a Sociedade Portuguesa de Endoscopia e Cirurgia Endoscópica (SPECE) que efectuou os primeiros cento e trinta e seis cursos de cirurgia laparoscópica nas diversas áreas e formou, melhor, contribuiu decisivamente, para a formação dos especialistas Portugueses , sendo que mais de seiscentos passaram por estas acções de formação, também elas pioneiras entre nós de cursos “hands on” como agora se diz.

Cumpriu o seu propósito e acabou, como tudo deve acabar quando se esgota, por bem, isto é, quando a formação em laparoscopia passou para os Serviços hospitalares com direcção dos formados nestes cursos. Nobre propósito conseguido.

Não deve ser sonogado o interesse nesta técnica bem demonstrado por outros grupos, logo de seguida ao nosso início, em Portugal. Exemplo disto são os Cirurgiões do Porto(Prof. Araújo Teixeira, Dr. Victor Ribeiro, Dr. Joaquim Guimarães, Prof. J. Maciel) de Coimbra (Prof. Castro e Sousa, Dr. Augusto Moreira) e até de Lisboa(Prof. Bicha Castelo, Dr. J. Schiappa) que logo após o apresentar das n/ comunicações, quer ao Congresso da SPC, quer à Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em Março desse ano, iniciaram a sua prática de laparoscopia com empenho e sucesso.

E foi assim que tudo se passou. A verdade histórica deve ser simples e contada em vida dos intervenientes para que não seja adulterada, como já tantas vezes foi. Esta é a verdade. Contada com simplicidade e modestia, como é de rigor. *Parva parvum faecit.* Disse.

Contacto:

DR. TRINDADE SOARES
jmtrindadesoares@gmail.com



J. M. Trindade Soares